

## MEMÓRIAS INVENTADAS: EXPERIMENTANDO SABORES, PALAVRAS E SONHOS<sup>1</sup>

*Fabricated Memories: Trying Flavors, Words and Dreams*

Antonio Carlos Queiroz Filho<sup>2</sup>

### RESUMO

As grafias inventadas para dizer da nossa existência no mundo já não se sustentam em absoluto. Dadas premissas e balizas referenciadas pelo paradigma representacional, objetivo e racionalista, a saber, a estética padronizada, a narrativa única e a imaginação repetida, tomadas como artifício de uma reflexão profunda sobre uma dissolução da Verdade última e uma Realidade a ser descoberta. A experimentação da linguagem é uma marca do pensamento contemporâneo, isso, dito nos termos da filosofia da diferença e do pós-estruturalismo. Em especial, ao papel da poesia e da arte na constituição dos nossos saberes e narrativas. Esse texto é uma tentativa de apontar para as muitas possibilidades de se produzir pensamento, lançando mão de uma estrutura que mistura teoria científica, poesia, literatura, lembranças, mentiras, esquecimentos, superlativos, indiretas, silêncios.

**Palavras-chave:** Ficção. Linguagem. Pensamento. Imaginação. Memória.

### ABSTRACT

The languages created to communicate the mean of our life no longer sustain whatsoever. Grounded by representational, and rationalist paradigm, they have produced standardized aesthetics, single stories, and an usual imagination are taken to a deep reflection about dissolution of the Reality paradigm. The experimentation of language is a mark of contemporary thought, in reference to the philosophy of difference and post-structuralism. In particular, poetry and art in the constitution of our knowledge and narratives. This text is an attempt to demonstrate the possibilities of producing thought and meaning, making use of a structure that combines scientific theory, poetry, literature, memories, lies, forgetfulness, superlatives, silences.

**Keywords:** Fiction. Language. Thought. Imagination. Memory.

<sup>1</sup> Referência direta ao poeta Manoel de Barros e sua primeira obra em prosa, intitulada "Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros" (2010).

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do Grupo de Pesquisa RASURAS – Imaginação Espacial, Poéticas e Cultura Visual. queiroz.ufes@gmail.com.

✉ Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES. 29075-910.



*"Tudo que não invento  
 É falso»*

Manoel de Barros

## TOCANDO A CAMPAINHA

Tocar a campainha e sair correndo. Coisa de menino vadio. Criança que vê no simples a condição de ser feliz. Esse texto é, tanto o menino, quanto a campainha, como também o sujeito que abre porta e não encontra ninguém, mesmo sabendo que aquela peraltice já se tornara hábito. Para o leitor, sugiro uma brincadeira também. Troquem as palavras. Façam elas deslizarem para outros sentidos. Alusão direta ao conceito de "desterritorialização" ou a ideia de potência de desterritorialização que trata Deleuze e Guattari quando falam da "literatura menor" (DELEUZE; GUATTARI, 2003). Nada aqui é literal, nem mesmo essa tentativa frustrada de instruí-los. Meu desejo é falar de modos de grafar a imaginação, e a poética de um pensamento espacial (inventada? À lá Manoel de Barros?!) e "movente". Estou lidando também com a perspectiva tratada por Bergson em "Matéria e Memória" (1999), quando ele contrapõe a ideia de um corpo entendido como "instante único", portanto, funcionando apenas como "condutor", "interposto entre os objetos que o influenciam e os objetos sobre os quais age", em contraposição a um corpo "recolocado no tempo", ou seja, "que flui". Essa reflexão feita por Bergson me trouxe um debate sob a mesma ótica, porém, sobre o conceito de Território, feita por Haesbaert, no livro "O Mito da Desterritorialização" (2007), principalmente quando ele propõe, amparado por Deleuze e Guattari, a ideia de território no/pelo movimento. Quem sabe estou a propor dizer do corpo como um território e vice-versa. Ao aproximá-los,

amplio seus sentidos Só isso... A seguir, memórias de lugares, sabores e sonhos, misturados a um só tom...

## MEMÓRIAS

Pode um sabor dizer de coisas infundadas e de interesse comum? Minha avó dizia que sim. Disso lembro bem. Todo ano era a mesma coisa. Contava janeiro, fevereiro, esquecia março, lembrava abril e quando menos esperava, estava eu na boleia do caminhão de meu tio no rumo de Senador Pompeu, cidade do interior do Ceará. Chegando lá era aquela algazarra. Era primo que juntava com outro, mais um bocado e, no fim, minha vó e meus tios já tinham perdido a conta e o juízo.

Molecada peralta! De manhã, a diversão era descer o rio e se embrenhar na mata seca para caçar calango e alguns raros passarinhos. Deles não lembro (não sei) o nome até hoje. A tarde, pontualmente, o cheiro e o barulho do trem ritmavam nossos passos e olhares. Todos encantados, corríamos quase que numa sincronia precisa para se aventurar naquele mundo à parte.

Não bastava olhar de longe, nem nos importava a imponência da locomotiva. Feita para se destacar, mesmo quando tinham duas ou três (sim, eu vi isso acontecer) nós nem ligávamos para sua grandiosidade quase arrogante. Queríamos mesmo entrar, desbravar as reentrâncias e fissuras existentes entre cada parafuso – enormes – a singularidade das rodas, a graxa indiscernível. Misturada com o calor, vento e a poeira do sertão, permitiam ao vagão um ser-cheiro (sabor?), que chegava sempre meia hora antes e só partia no dia seguinte.

Então quer dizer que o trem tem gosto? Tem sim senhor! Gosto de graxa queimada, gosto de apito, gosto de vó preocupada com o neto peralta brincando embaixo do vagão, gosto de saudade... E todos os

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

outros gostos que nascem desse. “Mas esse gosto serve pra que?” Perguntou meu amigo Eduardo. “Não sei”, respondi. “Só sei que mais de vinte anos se passaram e eu ainda sinto”. E é assim em cada trilho que vejo, em cada estação abandonada, em cada trem que passa. Aconteceu hoje e num outro dia qualquer, sem data definida, mas certo de que:

O sabor não existe sozinho  
Eu também não  
Necessito da mistura  
Da cumplicidade  
De meus outros sentidos.  
Minha memória não é fotográfica  
Nem, ao menos, visual  
Meu saber é de corpo inteiro  
O sabor, dissabor, também

Continuo aqui ainda na esteira do pensamento de Bergson, a exemplo de quando afirma que “Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo” (BERGSON, 1999, p. 12).

## SONHOS

E eu estava procurando uma nova morada. Passeando pelas ruas, avistei ao longe uma casa antiga, muro de grades, muitas árvores. O portão estava entreaberto. Bati palmas, mas ninguém apareceu. Havia uma placa de “aluga-se”. Resolvi entrar. Demorei um pouco no seu belo jardim. Muitas flores, um verde calmo e uma fonte inspiradora. Sentei por alguns minutos. Dali observei uma grande janela aberta. Fui até. Era a vista da sala. Enorme, por sinal. Exatamente como eu

havia imaginado. Dei a volta por um corredor e fui até o fundo da casa. Entrei pela cozinha e, com medo, após dois passos, retornei. Nesse momento escutei o barulho do portão. Eram os donos. Um casal e uma criança. Meio envergonhado e receoso, fui até eles e me apresentei. Muito simpático o senhor sem nome. Sobre a casa, só elogios... E uma única ressalva. Começou a chover. Foi aí que reparei as marcas do tempo fincadas nas paredes. Perguntei sobre a chuva, sobre a entrada dela na intimidade e sua resposta foi, por demais, elaborada. Muitas engenharias e pessoas eram necessárias para se evitar a inundação. Depois disso, eu fiquei ali, esperando...

Era um sabor sem distância.

*Corte Seco*

Dia seguinte...

De sol. Tímido, mas ele estava lá. Ao longe, algumas nuvens mandavam o aviso. Lá vem! Ela, que molha, assusta e afugenta, mas seduz. Tudo ao mesmo tempo. Turbilhão sensível. Coube a mim esperar sua chegada como se nada fosse acontecer. Como se molhar fosse permanecer. Como se correr fosse ficar. E continuei caminhando, em frente. Uma rua, duas ruas e uma esquina dobrada. Olhei para trás para ver se estava tudo bem, mas não. O jeito foi seguir. Começou! Água boa, que lava, limpa, acalma. Leve água, alma. Cheguei em casa. “Seca os pés menino”, gritou mamãe. Tarde demais. Para os leitores de Clarice Lispector, lembro de um trecho do seu livro “Perto do Coração Selvagem” que dizia: “Talvez fosse apenas falta de vida: estava vivendo menos do que podia e imaginava que sua sede pedisse inundações. Talvez apenas alguns goles...” (LISPECTOR, 1989, p. 10). Eu fiquei pelo caminho, molhado...

## CAFÉS

Falo de memórias, mas elas não existem. Pelo menos não como uma lembrança que se pretende como ressentimento, um sentir atualizado. É a perspectiva da memória proustiana:

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

A memória age 'tecendo' fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando-os mais densos em relação a outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como 'realmente' aconteceram. Atualizam o passado reencontrando o vivido 'ao mesmo tempo no passado e no presente' –, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória. (QUEIROZ FILHO, 2013, p. 11).

Não é também preposto de uma nostalgia teleológica. Sem função pré-definida, ela deriva para outros sentidos. Foi assim com o café. Todas as manhãs e fins de tarde meu amigo "Salve" (abreviatura do apelido "Salvador") fazia um dos melhores café que já experimentei até hoje. O segredo não estava na torrada do grão, nem na água, nem na fervura. Salve fazia questão, inclusive, de partilhar sua receita. O café, para ser bom mesmo, precisava ser pretexto. Isso mesmo. Foi a primeira vez que provei desse sabor tão singular. Para ficarmos prontos Sabor de tempo, de partilha. Era a hora de contar sobre os compromissos e expectativas, frustrações e desejos. Para ficar pronto, dez minutos.

Café: quente, forte, com ou sem memória? Duas colheres, por favor!

### LUGAR-LABORATÓRIO

"Meia noite em Paris" (Woody Allen, 2011) é quase um filme autobiográfico. A exemplo de Gil (personagem principal), não foi um carro antigo que me fez realizar outros percursos imaginativos diante da necessidade ou do desejo da escrita como um gesto próprio de estar no mundo. Na Campinas de dois mil e alguma coisa (2005 ~ 2009) me vi diante de uma situação de extrema apatia. O texto fugia de mim. Fui rejeitado pelas palavras como quem nega a si mesmo.

Como de costume, era o laboratório de informática meu lugar-de-escrita. Mas alguém pode questionar (e eu fazia isso constantemente): que tipo de pensamento se fabrica num lugar-laboratório? Que experimentos com a língua é possível num lugar-informática? Eu queria o artesanato das palavras. Juntá-las, separá-las, quebrá-las, esgarçá-las, até o limite, até elas pararem de dizer. Como? Aquele barulho de teclas, todas numa simetria sonora ensurdecadora. Impossível?!

Ainda bem que existia o contra-fluxo: do tempo, dos dias, das escolhas. Meu "carro preto" parisiense passava toda noite e aos domingos. Sempre no sentido contrário daqueles que estavam ali para produzir o mesmo. Chegava no laboratório quando ele estava dormindo. Levava meu café, biscoitos, palavras e uma imaginação faminta. Lá pelas cinco horas da manhã já estava tudo misturado. Passava a semana e chegava o domingo. Dia de usar emprestado a cozinha do anexo ao laboratório. Ali muitos temperos foram inventados, muita fome foi saciada e muita poesia fez sentido. No fim, tudo deu certo e a tese ficou pronta, mas não naquele "ainda".

### CAFETERIA

A escrita é a morada do espírito inquieto. Como todo lugar de estadia, tem em si mesmo a calma e a euforia. Dualidades que existem para tentar dizer ao coração do homem torto (saudades de Clarice Lispector!) que o contrassenso da conveniência. Assim foram minhas longas tardes durante um ano inteiro em que vivi de forma mais intensa a comunhão com o ser-palavra. Todos os dias, após o almoço, eu saía de casa rumo a uma cafeteria que ficava duas ruas ladeira abaixo. Ainda sinto o cheiro do café, companhia serena que sentava comigo e me fazia ir.

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

E não estava só. Aquele era um lugar propício. Muitas teses, dissertações, monografias, crônicas e poemas foram escritos ali. A disposição das cadeiras, a meia luz, os doces, especialmente o pudim, ofereciam uma mistura que produzia um ar inebriante. Sem querer parecer que estou defendendo um determinismo geográfico, mas era impossível não suscitar a imaginação estando naquele lugar. De fato, algumas pessoas e coisas tem esse poder.

Numa dessas terças-feiras completamente despreziosa, já no fim de tarde, o texto ali parado, imaginação esmaecida, na dúvida se peço o último café espresso<sup>3</sup> do dia, escuto o som da porta abrindo vagorosamente. Como eu sempre sentava no fundo da cafeteria, não consegui ver direito quem era. Tive lá minhas dúvidas, mas bastou escutar seu pedido e passei a desacreditar:

O café é tão grave, tão exclusivista, tão definitivo que não admite acompanhamento sólido. Mas eu driblo, saboreando, junto com ele, o cheiro das torradas-na-manteiga que alguém pediu na mesa próxima.

Mário Quintana<sup>4</sup>

Ainda inebriado – ou qualquer outro adjetivo que tente traduzir superficialmente aquela experiência – fui para casa e adormeci.

## ARRUMANDO A MESA

Todos os dias, 17h em ponto, eu corria para a janela do quarto. Era a hora em que ela passava. Certa vez eu ousei. Esbocei um “psiu”, feito menino bobo, e logo abaixei para me esconder. De que adiantava? Durante tempos, aquele era o momento mais vivo que

<sup>3</sup> Do original em italiano.

<sup>4</sup> <http://pensador.uol.com.br/frase/MTYyOTE/>

pude experimentar. Foi então que a molecagem acabou. Ela cansou. Veio até a janela e reclamou. Fiquei sem jeito e, com jeito, a convidei para jantar. Como não tinha dinheiro para oferecer um momento num restaurante chique, falei que eu mesmo prepararia. “Ok”, ela disse.

Fui logo ao supermercado. Lembro que gastei quase todo o dinheiro do mês (era pouco mesmo). Resolvi fazer um “macarrão ao molho 4 queijos”. Não podia faltar um vinho. Um “chileno” de vinte reais era o máximo que eu pude comprar. No dia, acordei cedo e convenci meus colegas que moravam comigo a deixar a casa só para mim. Preparei a comida, o ambiente e o coração. A mão suada, aguardava.

Somos espelho. Reconhecemos no outro aquilo que há dentro de nós, ainda que de forma silenciosa. Naquela noite, apenas observei:

De fato, observo que a dimensão, a forma, a própria cor dos objetos exteriores se modificam conforme meu corpo se aproxima ou se afasta deles, que a força dos odores, a intensidade dos sons aumentam e diminuem com a distância, enfim, que essa própria distância representa sobretudo a medida na qual os corpos circundantes são assegurados, de algum modo, contra a ação imediata de meu corpo. À medida que meu horizonte se alarga, as imagens que me cercam parecem desenhar-se sobre um fundo mais uniforme e tornar-se indiferentes para mim. Quanto mais contraio esse horizonte, tanto mais os objetos que ele circunscreve se escalonam distintamente de acordo com a maior ou menor facilidade de meu corpo para tocá-los e movê-los. Eles devolvem portanto a meu corpo, como faria um espelho, sua influência eventual; ordenam-se conforme os poderes crescentes ou decrescentes de meu corpo. (BERGSON, 1999, p.15)

De fato, o jantar estava ótimo, mas nossos corpos nunca se encontraram...

2013,

Me pediram para dizer que gosto teve o ano de 2013. "Gosto ou sabor?" Sim, porque tem diferença. Não queria dizer "amargo", "azedo" e outros afins. Pensei:

O melhor era mesmo calar.  
Outra coisa:  
se tinha  
alguma dor  
e se  
enquanto doía  
ela  
olhava os ponteiros do relógio,  
via então que os minutos  
contados no relógio  
iam passando  
e a dor continuava doendo.  
Ou senão, mesmo quando não lhe doía nada, se ficava  
*defrente do relógio espiando,*  
*o que ela não estava sentindo*  
também era maior que os minutos contados no relógio.  
Agora,  
quando acontecia uma alegria ou uma raiva,  
corria para o  
relógio  
e observava os segundos em vão.

Clarice Lispector (1980, p.7)

Então o ano tem sabor de tempo? Que seria quase o mesmo que dizer: tem gosto de terra molhada, cheiro de mormaço, pele salgada, nem mais, nem menos. Duas pitadas apenas, medida exata da agonia viciante. Quantas vezes ela virou as costas? Quantas bateu a porta? Quantas? A medida é exata. Cabe no relógio. Ferva por 30 minutos, doure por 10, asse até o palito entrar e voltar limpo, até ficar *al dente*. Minutos, horas, dias, passou o ano e eu fui desaprendendo, não no sentido do "dialeto mannelês" ("desaprender oito horas por dia", "voar fora da asa", essas coisas), mas a palavra deixou de ser morada. A comida pronta, indiscutível. A palavra pronta, impossível.

#### REVERBERAÇÕES

Como é que se faz uma (eco: Como é que se faz uma...  
poesia tão bonita? (eco: Geografia tão bonita?  
— Não é difícil, é só ir dizendo. (eco: Não é difícil, é só ir fazendo.

Clarice Lispector (1980)

#### EXPLICANDO PARA MEU FILHO

— Papai, o que o senhor está fazendo?

— Trabalhando

— Como?

— Tô escrevendo!

— Escrevendo o que?

— Um trabalho

— Posso ver?

— Pode

— Me-mó-Li-as...

— Memórias, filho, memórias inventadas.

— Como assim, papai?

— É que tô escrevendo para um livro chamado “Sabores Geográficos”, filho. Todo mundo fala de “comida” do mesmo modo, fala do mesmo jeito (território concreto?). Aí seu pai quis falar de outro jeito. Falar de imaginação, tipo quando você sonha e acorda de madrugada com medo sabe? Papai quis falar de memória também.

— Gostei papai!

— Gostou?

— Sim! Deu até fome!

— Outro tipo de alimento pra alma né, filho.

— Dorme bem, papai te ama!

#### SE-NÃOS

*paisagem*

Um professor querido e bastante competente proferia sua aula e encantava a nós, seus alunos, como era de costume. Eloquência, profundidade e um ar de sobriedade compunham sua paisagem

hoje minha imaginação passou **fome**

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

docente. Mas lá no fundo, no horizonte mal definido, turvo, flutuante, me veio uma inquietação. De repente, a casinha se desfez. Veio a chuva. O rio que passava ao fundo esqueceu que estava ali para ilustrar. Assumiram então, as nuvens e os passarinhos feito rabiscos, um devir-tempo que só fez sentido muitos anos depois, muitos mesmo. Eu disse:

— Professor, que teoria, livro ou autor o senhor me indicaria que contradiz isso que o senhor está dizendo? Eu gostaria de estudar outras perspectivas. Para um corajoso aluno de quarto período de graduação, a resposta que me coube foi:

— E você acha que eu vou “armar” o inimigo.

#### *território*

Num dia seguinte, já terminando fase final de escrita da minha dissertação de mestrado, fui ao encontro de minha professora orientadora. Era o momento de ajustar os detalhes principais do texto e, enfim, enviar para os membros da banca. Desse “se-não” lembro bem o gosto. Quis deixar falar no texto um morador que entrevistei. Não pude. Era desacadêmico demais.

#### *lugar*

Reunião de orientação. Sala cheia. Todo o grupo reunido. Muitos afetos constituíam o alimento daqueles olhares silenciosos. O “chefe” chegou. Era meu texto a ser debatido. Justo no dia que Letícia tinha ido junto. Ao meu lado, tão perto e eu não pude segurar sua mão. A cada palavra dita pelo orientador eu me perdia. Não pude, não consegui. Tentei ser forte, evitar, mas no fim das contas, entre lágrimas e um desespero incontido, conclamei:

— E eu, quando irei existir no texto? Não posso ser?

Quis ser lugar-palavra e fazer de um suposto “elogio da loucura” minha morada. Queria alimentar minha alma com a inquietude. Talvez nem soubesse, mas desejava, de fato, evitar a lição aprendida de cor, a exemplo do que fala Bergson sobre a repetição e o hábito:

A lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de um hábito. Como o hábito, ela é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Como o hábito, ela exigiu inicialmente a decomposição, e depois a recomposição da ação total. Como todo exercício habitual do corpo, enfim, ela armazenou-se num mecanismo que estimula por inteiro um impulso inicial, num sistema fechado de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo tempo (BERGSON, 1999, p. 86).

E não se tem tido um hábito de alimentar a alma com uma memória tão pueril? Talvez estejam consumindo muita utilidade, muitos sonhos pré-fabricados. E estava eu jantando com uns amigos quando esse assunto veio à mesa. Comentei com um deles, que se intitulava escritor, como me incomodavam os livros já pensados para servir apenas ao consumo imediato de suas narrativas clichês. Fui interrompido abruptamente pelo rapaz:

— Eu discordo! As pessoas precisam de ter algo para passar o tempo. Elas trabalham e têm uma vida estressante. Chega no fim do dia, elas não querem pensar, querem descansar. Essas literaturas a que você se refere são como os *fast-food*. Elas não querem ter trabalho.

Entre o querer e o precisar há uma relação muito tênue e confusa. A literatura como constituidora de uma memória que se repete e não que se imagina é o que me incomoda. O próprio Bergson faz essa diferenciação e alerta para o risco da memória repetida substituir ou até ser confundida como a memória singular, que imagina (BERGSON, 1999, p. 89).

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

...é preciso saber dar valor ao *inútil*, é preciso querer sonhar...  
(BERGSON, 1999, p.90)

## ELOGIO DA LOUCURA

Estava procurando o áudio da minha defesa do mestrado. Nela, um dos membros, o Professor Marcus Ferreira generosamente me faz um elogio que guardo comigo até hoje. Tentei encontrar a gravação para reproduzir sem correr o risco de esquecer de algum detalhe, mas restou apenas a fita velha, já desgastada. O engraçado é que, nessa minha busca, revisitei alguns momentos.

Em novembro de 2010, meu amigo Cris estava vindo de Porto Alegre com seu Chevette que não sei precisar o ano. Passou por Campinas para pegar algumas roupas e estava indo pra Fortaleza. Fim de ano, véspera de férias e a possibilidade de rever a família que já iria completar um ano longe, além da aventura de pegar a estrada e rodar mais de 2000 quilômetros. Num dos vídeos, gravamos a chegada no Estado do Ceará, no momento em que nos aproximamos da divisa com Pernambuco. Se for pra dizer um gosto que me veio, assim, o primeiro, foi o de rapadura.

Não sei explicar o motivo, mas o fato é que não consegui mais parar de ver os vídeos daquele período em que morei em Campinas. Mistura de saudade com angústia pelas muitas histórias e sabores que hoje ainda estão a me dizer algo. Da alegria ou da tristeza, me veio Clarice, sempre companhia. Separei alguns trechos do “Perto do Coração Selvagem” (1980) em que a autora converte sabores em estado da alma. Eles me couberam soborosamente...

– Melaço:  
Tomara o café com um bolo esquisito, escuro — gosto de

vinho e de barata — que lhe tinham feito comer com tanta ternura e piedade que ela se envergonhara de recusar. Agora pesava-lhe no estômago e dava-lhe uma tristeza de corpo que se juntava àquela outra tristeza... (p. 22)

– Garapa:  
A alegria cortou-lhe o coração,  
feroz, iluminou-lhe o corpo.  
Apertou o copo entre os dedos,  
bebeu água com os olhos fechados  
como se fosse vinho... (p. 44)

– Água de Moringa:  
A casa da tia era um refúgio onde o vento e a luz não entravam. A mulher sentou-se com um suspiro na sombria sala de espera, onde, entre os móveis pesados e escuros, brilhavam levemente os sorrisos dos homens emoldurados. Joana continuou de pé, mal respirando aquele cheiro morno que após a maresia forte vinha doce e parado. Mofo e chá com açúcar. (p. 22)

– Caldo de Cana:  
O mar era muito. Tinha vontade de afundar na areia pensando nele, ou senão de abrir bem os olhos, ficar olhando, mas depois não achava para que olhar. Na casa da tia certamente lhe dariam doces nos primeiros dias. Tomaria banho na banheira azul e branca, uma vez que ia morar na casa. E todas as noites, quando ficasse escuro, ela vestiria a camisola, iria dormir. De manhã, café com leite e biscoitos. A tia sempre fazia biscoitos grandes. Mas sem sal. Como uma pessoa de preto olhando pelo bonde. Ela molharia o biscoito no mar antes de comer. Daria uma mordida e voaria até casa para beber um gole de café. E assim por diante. Depois brincaria no quintal, onde havia paus e garrafas. Mas sobretudo aquele galinheiro velho sem galinhas. O cheiro era de cal e de porcarias e de coisa secando. (p. 26-27)

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

– Doce de Leite

A comida era uma das grandes preocupações da casa, continuou Joana. À hora das refeições, os braços apoiados pesadamente sobre a mesa, o homem se alimentava arfando ligeiramente, porque sofria do coração, e enquanto mastigava, algum farelo esquecido fora da boca, seu olhar se fixava vidrado em qualquer ponto, a atenção voltada às sensações interiores que a comida lhe produzia. A tia cruzava os pés sob a cadeira, e, as sobrancelhas franzidas, comia com uma curiosidade que se renovava a cada garfada, o rosto rejuvenescido e móvel. Mas por que hoje não se abandonavam nas cadeiras? Por que cuidavam de não chocar os talheres, como se alguém estivesse morto ou dormindo? Sou eu, adivinhou Joana. (p. 45)

Lembrei do elogio:

— É uma pena que muitos de seus colegas não estejam aqui para ouvir o que vou dizer...

#### DESPEDIDA

— Filho?

— Sim, pai.

— Lembra-se que eu lhe dizia para inventar histórias? Pois invente uma agora.

— Não tenho força.

— Tente.

— Pior que não saber contar histórias, pai, é não ter ninguém a quem as contar.

— Eu escuto a sua história

Mia Couto (2009, p.65)

#### SUSPIROS

É hora do almoço:

Essas memórias

São de um homem cansado

E

Paradoxalmente

Cheio de esperança

E só

Chega de glacê

Eu quero mesmo é o recheio

Estou cansado

Cansado

Tanto que adormeço

Quando acordo

Lembro que deixei algo por fazer

Não fazer, por fazer

Mas fazer, mesmo.

Mas estou cansado

Disso lembro bem

Cansado de não viver ☹

Memórias inventadas: experimentando sabores, palavras e sonhos  
Antônio Carlos Queiroz Filho

#### REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. (Trad. Paulo Neves.) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: para uma literatura menor. (Trad.: Rafael Godinho.) Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Geografias de Cinema: o lugar das memórias no filme “A Vila”. **Passagens**, Fortaleza, v. 2, p. 1-15, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.revistapassagens.ufc.br/index.php/revista/article/viewFile/37/40>>.

QUINTANA, Mario. **O Café**. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTYyOTE/>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

Submetido em Fevereiro de 2014.

Revisado em Março de 2014.

Aceito em Abril de 2014.